



A CADA **20** anos

DOBRA O NÚMERO DE PESSOAS QUE DEPENDEM DE UM AGRICULTOR NOS ESTADOS UNIDOS

Outro dado preocupante é o envelhecimento dos produtores, segundo tendência apresentada na publicação. A idade média dos agricultores nos Estados Unidos aumentou de 45 anos em 1974 para 58 anos em 2007. Além disso, para sete agricultores com idade acima de 75 anos, há apenas um com idade inferior a 25 anos. Já para cada grupo de 350 pessoas em Nova Iorque, há apenas um produtor para fornecer alimentos. A cada 20 anos, dobra o número de pessoas que dependem de um agricultor naquele país.

Nos Estados Unidos, a maioria das fazendas é gerida pela própria família e a propriedade, passada de geração em geração. Semelhante à Austrália, as fazendas norte-americanas são 98% familiares e 95% dessas propriedades são administradas pela família. Portanto, a sucessão na agricultura familiar vai além da dimensão empresarial e econômica – muitas vezes passa pela complexa relação emocional de uma família – segundo o livro. A situação racional implicaria na venda da fazenda, em caso de falecimento ou impossibilidade do patriarca, no entanto, há uma forte relação sentimental entre a propriedade e os familiares, em geral. Outra questão apresentada é a do filho que resolve tocar os negócios da família, assume riscos próprios da atividade e trabalha duro, mas acredita não ser justo dividir os resultados com os irmãos que foram para a cidade e têm outros empregos.

Em resumo, o livro sugere que é preciso começar cedo a sucessão. Trata-se de manter uma comunicação aberta, fazer um planejamento antecipado e formalizar processos. O consenso dos agricultores é que a família é o caminho a seguir e, dentro desse contexto, é preciso pensar a longo prazo e repensar os negócios, modernizando-se de forma sustentável. “Os jovens precisam encontrar maneiras inovadoras para a sucessão”, sugere a publicação.

Segundo Renato Roscoe, diretor executivo da Fundação MS e doutor em *environmental sciences* pela *Wageningen University and Research Centre*, há duas situações típicas para a sucessão do agronegócio nos Estados Unidos: os descendentes que resolvem ficar no campo e têm alto interesse em permanecer e aque-



RENATO ROSCOE, DIRETOR EXECUTIVO DA FUNDAÇÃO MS: NOS EUA, OS EMPREENDIMENTOS SÃO BASICAMENTE FAMILIARES, COM PEQUENA PARTICIPAÇÃO DE MÃO DE OBRA CONTRATADA

les que se mudam para a cidade em busca de outras atividades. Os primeiros geralmente passam uma temporada fora da propriedade estudando e se qualificando. Os demais acabam arrendando suas propriedades para os primeiros. “Há um movimento grande por parte dos produtores de se profissionalizar e trabalhar a sucessão familiar, seja montando uma estrutura para garantir a passagem de uma geração para a outra produzindo, ou criando uma estrutura de gestão para as receitas dos arrendamentos”, explica.

ORGULHO E NECESSIDADE

“A sucessão aqui nos EUA é semelhante à do Brasil, pois depende de como foi preparada e educada a família. Aqui existem famílias rurais, para quem a sucessão é uma questão de orgulho e necessidade. Porém, alguns preferem estudar e conduzir outras atividades”, diz Luiz Fernando Faleiros, que participa de um projeto de pesquisa de fertilidade nitrogenada em soja na *Purdue University*, em Indiana, e está no último ano de Engenharia Agrônoma e no Grupo de Experimentação Agrícola – GEA – da Esalq/USP.

Segundo ele, o tamanho da propriedade influencia muito, pois em grandes fazendas a responsabilidade da sucessão é maior. “Quando isso ocorre, obriga a dividir o lucro por mais de uma família, podendo ocorrer a fragmentação da propriedade entre os membros da família ou a busca por outras atividades remuneradas”, afirma.

Bruno Corrêa, estudante de Agronomia da Esalq/USP, que estagiou em 2012 numa fazenda de pecuária em Medora, em Dakota do Norte, observou de perto as relações familiares e como é comandada a sucessão. Ele conta que a propriedade em que ficou é da segunda geração da família. “Há, sim, uma preocupação constante em relação à sucessão, inclusive há consultorias especializadas para tratar sobre essa questão nos Estados Unidos”, diz.

GESTÃO DAS PROPRIEDADES

Bem diferente do Brasil, nos Estados Unidos as fazendas são operacionalizadas pela própria família e mais dois ou três funcionários. "Lá não há mão de obra disponível e os próprios donos e filhos tocam a fazenda", diz Cid Sanches, gerente de planejamento da Aprosoja/MT. Ele explica que a demanda por mão de obra é menor se comparada ao Brasil, onde o volume de trabalho é mais intenso por ter duas safras e janelas menores para plantio e colheita. Além disso, pelo fato de o Brasil ser um país tropical, é necessário maior controle sobre doenças e pragas.

Segundo Renato Roscoe, o sistema de exploração da terra assemelha-se muito ao utilizado nas regiões mais tecnificadas do Brasil. Comparando com a agricultura nos Cerrados, os norte-americanos possuem unidades de produção até menores. Nos Estados Unidos, os empreendimentos são basicamente familiares, com pequena participação de mão de obra contratada. Assim, a única possibilidade de crescimento é aumentando-se a capacidade operacional pela intensa mecanização. Essa necessidade, associada a uma boa política de crédito, tem estimulado a utilização de equipamentos cada vez maiores. "São comuns semeadoras com até 30 linhas e

tratores de mais de 400 cavalos. Outro fenômeno interessante é que muitos agricultores e seus descendentes estão deixando o campo, mas mantendo a propriedade em sistema de arrendamento, o que possibilita que aqueles que ficam no campo expandam suas áreas, ganhando em escala", acrescenta.

Entretanto, são incomuns grandes grupos empresariais, sendo o tamanho do empreendimento limitado, muitas vezes, pela capacidade de trabalho dos próprios membros da família. "Em geral, a gestão é mais profissionalizada, mas não difere muito do que se pode encontrar nas propriedades de ponta no Brasil", diz Roscoe. Há um maior nível de mecanização e automação, com tratores e equipamentos de grande porte. O planejamento pode ser feito com facilidade, pois há políticas claras de crédito e seguro agrícola, além de mecanismos de mercado bem conhecidos e confiáveis. Outro grande diferencial, segundo o diretor e pesquisador da Fundação MS, é o elevado nível educacional dos produtores e seus colaboradores, o que facilita a compreensão dos princípios de administração e gestão de seus empreendimentos.

De acordo com Faleiros, as propriedades rurais são tidas como empresas rurais familiares ou empresa-

LUIZ FERNANDO FALEIROS: O TAMANHO DA PROPRIEDADE INFLUENCIA MUITO, POIS EM GRANDES FAZENDAS A RESPONSABILIDADE DA SUCESSÃO É MAIOR



riais, dependendo do tamanho. “O produtor americano possui uma boa proximidade com as empresas de pesquisa e universidades; normalmente eles são mais informados sobre o uso de tecnologias, planejamento de safra e comercialização da produção”, afirma. Ele explica que grande parte dos produtores americanos comercializa sua produção com contratos no mercado futuro para ser entregue depois da colheita, graças ao planejamento das atividades e à perspectiva de produção almejada.

Outro diferencial entre a agricultura norte-americana e a brasileira é a legislação trabalhista. Segundo o gerente da Aprosoja/MT, **UM DOS MAIORES GARGALOS NO BRASIL É A RIGIDEZ DA LEGISLAÇÃO, EM QUE ALGUMAS REGRAS NÃO SÃO ESPECÍFICAS PARA O CAMPO, O QUE DIFICULTA CUMPRÍ-LAS, LEVANDO O PRODUTOR A ADOTAR MECANISMOS E FERRAMENTAS PARA SE AJUSTAR.**

Faleiros explica que as leis trabalhistas norte-americanas mudam de estado para estado. Em Indiana, não existe uma lei trabalhista específica para trabalhadores rurais. “O que existe são normas de segurança no trabalho para assegurar a conservação da saúde e bem-estar do funcionário rural”, diz. Segundo ele, o que difere do Brasil é que o salário mínimo e o sistema de pagamento é feito por hora/trabalho. Ou seja, o salário mínimo no estado de Indiana está ao redor de US\$ 7,89 por hora de trabalho (valor médio). No campo é possível encontrar remunerações em torno de US\$ 11, US\$ 15 e até US\$ 20 para situações específicas que exigem experiência. No entanto, essas atividades normalmente são feitas pelos proprietários ou membros familiares.

MANEJO

O milho é uma cultura de alta tecnologia nos Estados Unidos, com adubação pesada, controle de pragas e doenças, e grande utilização de eventos biotecnológicos. “Hoje os híbridos plantados no país possuem de 5 a 10 eventos tecnológicos distintos, conferindo resistência a herbicidas e produção de proteínas para o combate de pragas de solo e parte aérea”, diz Roscoe.

Para Faleiros, o grande diferencial de manejo é a utilização de tecnologias, que, em sua opinião, é o principal sucesso da agricultura americana. Basicamente todos os produtores são informados e possuem fácil acesso a tecnologias. “Participei de alguns dias de campo e seminários em centros de pesquisa e na própria *Purdue University* e observei o quanto o produtor participa deste tipo de evento na busca por novos conhecimentos”, acrescenta.

Ele explica ainda que, junto com uma complexa composição de adubação nitrogenada no milho, se utiliza um produto que inibe que as bactérias Nitrosomonas transformem o amônio em nitrato, reduzindo perdas por lixiviação e volatilização. Dessa maneira, o nitrogênio permanece por mais tempo no solo. “Este sistema de adubação aumenta a eficiência do adubo, proporcionando alta produtividade”, afirma.

O desempenho da lavoura do milho é o que chama a atenção. Conforme Faleiros, a produtividade é alta devido a uma relação de fatores como clima, que no verão norte-americano possui alto índice de radiação solar e longos períodos diurnos, os quais podem chegar até 16 horas de luminosidade por dia, e um regime pluviométrico ótimo para o desenvolvimento da lavoura.

Outra situação favorável é a qualidade química nutricional do solo, com altos índices de matéria orgânica, fósforo e bom pH. “Alguns países, como os do Leste Europeu e a Argentina, possuem características semelhantes a estas, com altas produtividades. Em algumas regiões brasileiras, como no Sul, nós podemos alcançar boas produtividades”, afirma. Na média, o Brasil possui potencial para elevar sua produtividade, através da correção química e nutricional de solos, boas práticas de manejos, uso de tecnologias e o emprego de gestão empresarial.

De acordo com Roscoe, a produtividade média dos campos norte-americanos de milho é de 12.000 kg/ha. Quando comparadas ao Brasil – que planta em torno de 15 milhões de hectares de milho safra e 8 milhões de hectares de milho safrinha, e colheu em 2012/2013 cerca de 82 milhões de toneladas, com produtividade média pouco acima de 5.400 kg/ha –, as médias norte-americanas são realmente muito elevadas. Há vantagens climáticas nos Estados Unidos quando comparado ao Brasil, o que se repete com relação a outras partes do mundo que possuem produtividades elevadas. “São geralmente países onde o clima é temperado ou subtropical ou mesmo regiões com altitudes mais elevadas”, explica. No Brasil, no entanto, há também grandes diferenças entre as regiões, o nível tecnológico entre agricultores de portes diferentes e a época do ano (safra ou safrinha). Assim, também no Brasil, altas produtividades podem ser e estão sendo alcançadas em regiões com clima mais propício para a cultura. 🌱

“O GRANDE DIFERENCIAL DE MANEJO É A UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIAS. BASICAMENTE TODOS OS PRODUTORES SÃO INFORMADOS E POSSUEM FÁCIL ACESSO A ELAS”

LUIZ FERNANDO FALEIROS, QUE PARTICIPOU DE UM PROJETO DE SOJA NA PURDUE UNIVERSITY, EM INDIANA